

# APURAÇÃO NO TERREIRÃO

## DISCUTINDO REDES NO CARNAVAL

*Ricardo José de Oliveira Barbieri*

*A proposta do artigo é discutir o conceito de redes de relações sociais tendo como ponto de partida uma situação social etnografada no carnaval do Rio de Janeiro. A utilização de conceitos desenvolvidos por autores como Max Gluckman, Elizabeth Both e Clyde Mitchell demonstram profunda importância na definição teórica das redes de relações sociais. Assim, o artigo procura traçar um exemplo dentre tantos que poderiam ser observados no carnaval carioca demonstrando a importância das mesmas para a cidade.*

**CARNAVAL, ESCOLAS DE SAMBA, APURAÇÃO, REDES, RITUAIS, FESTAS**

BARBIERI, Ricardo José de Oliveira. Apuração no Terreirão: discutindo redes no carnaval. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 173-182, 2009.

## A ESTRUTURA COMPETITIVA DAS ESCOLAS DE SAMBA

O desfile de escolas de samba enquanto “ritual-competitivo” (CAVALCANTI, 2006) é, na maior parte das vezes, tomado pelo prisma das grandes escolas que compõem o Grupo Especial. Uma das importantes contribuições dadas ao estudo das pequenas escolas é a tese de doutoramento de Araujo (2008), que propõe importantes questões referentes ao seu universo.

Antes de adentrar nesta complexa sistemática que evidencia a estrutura social das escolas de samba do carnaval carioca, convém explicar um pouco do seu funcionamento e como as escolas trafegam por tal sistema durante sua trajetória. Como são encarradas suas derrotas e vitórias dentro do sistema ritual-competitivo no qual estão imersas.

Em um desfile de escolas de samba, diversos elementos são julgados. Esses elementos são divididos em quesitos específicos. No Grupo Especial são dez quesitos<sup>1</sup> com quatro jurados para cada quesito. As regras para descarte, fracionamento e até mesmo o número de jurados, em cada quesito, podem variar nos demais grupos.

O desfile de escolas de samba atualmente conta com seis gradações hierárquicas, em que as maiores escolas ocupam o Grupo Especial<sup>2</sup>. O grande objetivo de toda agremiação carnavalesca no Rio de Janeiro é tornar-se uma escola pertencente ao Grupo Especial. Composto pelas maiores e melhores escolas do carnaval carioca, esse desfile é realizado no domingo e segunda-feira de carnaval no Sambódromo. Neste grupo as escolas recebem cifras milionárias. Um desfile de uma grande escola de samba é orçado em até cinco milhões. (ARAUJO, 2008) Por ser transmitido para o mundo inteiro pela TV Globo muitas pessoas querem desfilar nessas escolas e seus ensaios são disputadíssimos, bem como suas fantasias, que garantem um lugar entre os desfilantes. Cada escola desfila com oito alegorias e aproximadamente cinco mil componentes. A administração desse grupo fica por conta da Liesa (Liga Independente das Escolas de Samba) controlada por notórios contraventores ligados ao jogo do bicho e ao mecenato das maiores escolas. (CAVALCANTI, 2008)<sup>3</sup> O sistema de venda de ingressos também é controlado pela Liesa e nos últimos anos tem se esgotado em menos de uma semana.<sup>4</sup> É a liga quem controla o sistema de credenciamento da imprensa e venda de camarotes do Sambódromo, inclusive nos dias de desfile dos grupos de acesso. Atualmente, a administração da Cidade do Samba, onde são preparadas as alegorias para o desfile dessas escolas, também é controlada por ela.

Logo abaixo, na estrutura hierárquico-competitiva das escolas de samba, vem o Grupo de Acesso A<sup>5</sup> que acontece no Sambódromo no sábado de carnaval. No carnaval de 2009, as escolas deste grupo fundaram uma nova liga após pedirem desfiliação da AESCRJ (Associação das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro): a Lesga (Liga das Escolas de Samba do Grupo de Acesso). Inspirada na Liesa, essas escolas buscavam maior força para negociar direitos de transmissão, gravação e venda do CD de sambas de enredo, e subvenção junto à Prefeitura e Governo Estadual. Nesse grupo as subvenções são bem menores que as do Grupo Especial e o teto de gastos da escola mais rica fica em

um milhão de reais. Cada escola desfila com cinco carros alegóricos e três mil componentes. Além disso, as escolas não contam com a estrutura de barracões das agremiações do Grupo Especial e geralmente ocupam galpões improvisados da Companhia Docas e da RFFSA anteriormente ocupados pelas grandes escolas. (BARBIERI, 2008) A venda de ingressos não tem tanto apelo quanto os desfiles do Grupo Especial, apesar de a cada ano ter crescimento visível; e mesmo os preços são bem inferiores ao do Grupo Especial (custam entre 5 e 1000 reais). A transmissão oscila de ano a ano, de emissora a emissora, e, no último carnaval, foi fruto de uma produção independente da Lesga que comprou espaço na rede de televisão CNT. Muitas escolas que já venceram o grupo principal do Rio de Janeiro, hoje compõem esse grupo.<sup>6</sup>

A escola que termina em último lugar no Grupo de Acesso A é rebaixada ao Grupo Rio de Janeiro 1, antes conhecido como Grupo de Acesso B. No carnaval de 2009 disputaram o título deste grupo 12 escolas. Neste, há uma grande diferença estrutural das escolas para as maiores do Grupo Especial. O desfile não é transmitido pela televisão e poucas emissoras de rádio do Rio de Janeiro o acompanham na íntegra. Os ingressos de arquibancada são distribuídos e nos últimos anos, diante do pouco público, a entrada nas arquibancadas liberada no dia do desfile. Cada escola do grupo se apresenta com quatro carros e 1500 componentes. Quem controla a organização desse grupo é a AESCRJ. A entidade é a mais tradicional do carnaval carioca e vem perdendo espaço desde a fundação da Liesa em 1984. Os desfiles acontecem na terça-feira de carnaval adentrando, inclusive, a manhã da quarta-feira de cinzas.

Tratemos, por fim, dos Grupos Rio de Janeiro 2, 3 e 4<sup>7</sup>. O desfile desses grupos acontece na Estrada Intendente Magalhães em Campinho. O desfile do Grupo Rio de Janeiro 2 acontece no domingo de carnaval, concorrendo, portanto, com o desfile que acontece na Sapucaí. Neste grupo são 14 escolas desfilando e no carnaval 2009 três destas ascenderiam ao Grupo Rio De Janeiro 1, obtendo assim a importante marca de desfilar no Sambódromo. As três últimas seriam rebaixadas ao Grupo Rio de Janeiro 3. Neste grupo cada escola apresenta três carros alegóricos e em torno de mil componentes. Segundo Araujo, apesar do número mínimo de componentes determinado por regulamento, poucas escolas alcançam tal quantidade de desfilantes, ficando em sua maioria em torno de 600 componentes. (ARAUJO, 2008)

Há uma grande diferença também no orçamento delas em relação aos grupos que desfilam no Sambódromo. Um exemplo é o desfile do Acadêmicos do Dendê 2009, no Grupo Rio de Janeiro 2, que foi orçado em cem mil reais.

Do Grupo Rio de Janeiro 3 participam 15 escolas, cada uma com dois carros e em torno de 400 componentes, que desfilam na segunda-feira de carnaval. A diferença orçamentária de uma escola desse grupo em relação ao Grupo Rio de Janeiro 2 é pequena. Como acontece no grupo descrito anteriormente três escolas sobem e três são rebaixadas ao Grupo Rio de Janeiro 4.

O último grupo na hierarquia competitiva das escolas de samba é o Grupo Rio de Janeiro 4. Neste grupo desfilam 8 escolas, a última colocada deixa de desfilar entre as es-

colas de samba e fica licenciada obrigatoriamente por um ano da AESCRJ. A escola licenciada só pode voltar a desfilar novamente após quitar suas dívidas e provar o cumprimento dos requisitos legais para uma agremiação recreativa.

## **SOBRE A APURAÇÃO NO TERREIRÃO DO SAMBA**

O Terreirão do Samba é o palco da apuração das escolas do grupo de acesso no Rio de Janeiro. Além das escolas de samba, se realizam ali a apuração dos desfiles de blocos de enredo, coretos e blocos de embalo do Rio de Janeiro, em um dia atípico, onde o carnaval persiste em sobreviver na cidade. A quinta-feira é reservada, desse modo, à festa das pequenas escolas que desfilam na terça-feira na Marquês de Sapucaí e às demais que desfilam na Intendente Magalhães.

Nos dias anteriores o Terreirão, localizado próximo à Passarela do Samba, é palco de muitas folias. Artistas de apelo popular realizam shows a baixo custo em horários paralelos aos desfiles que ocorrem na Sapucaí. Sendo assim, o espaço que conta com um grande palco batizado João da Baiana, um dos pioneiros na arte de fazer samba, tem um significado simbólico que vai além do fato de localizar-se na região onde outrora morava a Tia Ciata.

O espaço conta ainda com diversas barracas que vendem os mais diversos quitutes e bebidas durante os dias de funcionamento. A apuração acontece às 13 horas, quando são abertos os envelopes da primeira apuração do grupo de Acesso E. Este é o último grupo, o mais baixo hierarquicamente no ritual competitivo das escolas de samba. A seguir, sucessivamente, são apresentadas as notas dos grupos D, C e B. Esta é uma ocasião única, reunindo todos os representantes das escolas concorrentes, além de alguns outros dos grupos de acesso A e Especial.

Ali é possível observar o desenrolar de diversas redes de relações sociais que envolvem as escolas de samba. Os mandatários e dirigentes de todas elas lá estão presentes com os componentes mais ativos que batalharam o ano inteiro pelo bom resultado e sucesso de suas escolas. Mesmo quem conhece o desfile das escolas de samba, pouco sabe sobre essa apuração no Terreirão. Para muita gente tudo acaba com o anúncio do resultado do Grupo de Acesso A na Praça da Apoteose, logo após a apuração do Grupo Especial. Assim, chega a espantar que um número tão grande de pessoas esteja envolvido nessa apuração.

Acompanhei este evento ao lado de componentes do Boi da Ilha do Governador. A pequena escola faz parte do Grupo de Acesso B e naquele ano enfrentou problemas no desfile, como a quebra de um carro. Por não ser considerada uma das favoritas não havia uma grande torcida, nem um grande número de pessoas presentes à mesa. Diferente do que ocorre com os grupos Especial e Acesso A, as mesas no Terreirão são dispostas nas laterais, geralmente em frente (e vinculadas) a uma barraca de bebidas e quitutes.

Escolas com expectativa de título, como foi o caso da Inocentes de Belford Roxo e Unidos de Padre Miguel, levam grande torcida à apuração. A disposição das mesas espa-

lhadas pelo Terreirão segue a um entrelaçamento ritual que envolve os desfile. Escolas rivais se evitam, aquelas que mantêm certa afinidade se aproximam. Na ocasião, os componentes do Boi que primeiro chegaram logo foram saudados por componentes da Co-rações Unidos do Amarelinho, que fazia parte do Grupo de Acesso C. Ocorreu algo parecido com componentes da Vizinha Faladeira que se acomodaram próximo à Flor da Mina do Andaraí do Grupo de Acesso C. As explicações para tais afinidades são diversas, dei-xei que um componentes da Vizinha Faladeira e do Boi da Ilha me explicassem o que acontecia.

Tenho muitos amigos lá na Flor da Mina. Fiz várias visitas na quadra deles esse ano. [...] como um barracão é grudado ao do outro, cedemos esculturas para eles e eles algum material pra gente já que tivemos essa dificuldade com ma-terial. (Componente da Vizinha Faladeira)

Sempre houve essa interação com o pessoal do Amarelinho. Tem muita gente do Boi lá: o Gilson Bacana, o mestre de bateria deles. Vários ritmistas do Boi e do Dendê desfilam lá. (Componente do Boi da Ilha)

Assim, foi recorrente durante a apuração que componentes do Boi da Ilha vibra-rem com boas notas do Amarelinho e vice-versa. Durante o ano, além das visitas recor-rentes entre as duas escolas elas trocaram também material para a preparação das fan-tasias e alegorias. Ao contrário do que se imagina, mesmo quando as negociações envol-vem compra, a preferência é dada à escola com que se tem afinidade. Esse sistema de afinidade geralmente é direcionado por uma pessoa da escola.

No caso das relações evidenciadas pela proximidade entre duas outras esco-las na apuração do terreirão, do Arranco e do Acadêmicos do Dendê, uma figura se des-taca como mediador, a do carnavalesco das duas agremiações. Com ele, toda uma rede de contatos se desenvolveu entre os integrantes de ambas. O vice-presidente do Dendê, Toninho, mantém relações cordiais com o presidente do Arranco, Marquinhos. Toninho chegou, até mesmo, a concorrer no concurso de samba-enredo da escola rival naquele carnaval de 2008.

Eu, particularmente, vivi de perto essa relação. Como era compositor da Vizinha Faladeira e um dos participantes do grupo de puxadores do Boi da Ilha vibrei com as no-tas do quesito samba-enredo junto com componentes da escola que concorria no mes-mo grupo que da Vizinha Faladeira. Terminada a apuração, cada um dirige-se para o seu canto. Ao contrário do que se imagina, o balanço do resultado ou a comemoração não são compartilhados com os membros das outras escolas. As vencedoras vão ao centro da praça comemorar o título, comemoração que se estende até as quadras das escolas.

## DEBATE TEÓRICO

Em seu clássico *Análise de uma situação social na Zululândia moderna*, editado pela primeira vez em 1958, Max Gluckman (1987) trabalha com conceitos e utiliza para-digmas usuais para antropólogos daquela que ficou conhecida como Escola de Manches-ter. A contribuição desse grupo não é menos interessante que as demais reconhecida-

mente ligadas à antropologia urbana, como é o caso da Escola de Chicago. As duas escolas encontram eco em diversos tipos de caracterizações particulares na forma de conduzir análises sociais.

Para discutir o tipo de construção teórica da Escola de Manchester é indispensável saber um pouco de sua história. Dentre seus mais destacados membros, encontramos o nome daquele que é considerado o seu fundador e um dos maiores expoentes: Max Gluckman. A fundação de tal escola teórica deu-se com a disciplina de Antropologia Social na Universidade de Manchester e a criação do Rhodes-Livingstone Institute que realizou diversos estudos sobre a África, em especial na região outrora conhecida como Rodésia do Norte. Dentre suas importantes contribuições para a Antropologia estão os estudos sobre o conceito de conflito. No que se refere à Antropologia Urbana, contribuições específicas e de importância vital foram os estudos de “rede” e “situação social”. O conceito de rede de Gluckman foi desenvolvido através de um estudo sobre a fofoca procurando entender a forma como o fluxo de informações a respeito dos outros, dentro de uma rede, pode, ou não, reforçar a coesão do grupo. O aspecto estudado foi debatido por Ulf Haneerz que chegou à conclusão que esse fluxo de informações não necessariamente leva a uma maior conformidade às regras. (HANEERZ, 1980)

A grande contribuição ficou mesmo por conta da análise da situação social. Esta nasceu das pesquisas realizadas pelo estudo do homem africano da cidade, no Cinturão do Cobre, como era conhecida a região da Rodésia do Norte. Este tipo de análise foi utilizada também por Clyde Mitchell através dos estudos da estrutura social urbana do Cinturão do Cobre feita pela dança Kalela. (HANEERZ, 1980) Há, no entanto, duas tendências de utilização no uso do material de estudos de caso na análise dos grupos. Uma delas tem como foco um único evento claramente demarcado no tempo e no espaço. Assim foi a forma de utilização feita por Gluckman na Zululândia.

Para Gluckman todos os eventos que afetam os seres humanos são sociais.

Quando se estuda um evento como parte do campo da sociologia é conveniente tratá-lo como uma situação social. Portanto, uma situação social é o comportamento, em algumas ocasiões de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado seu comportamento com seu comportamento em outras ocasiões. (GLUCKMAN, 1958)

Partindo dessa premissa Gluckman analisa a inauguração de uma ponte na Zululândia como uma situação social que explicaria as relações entre negros e brancos na região. O que o autor busca mostrar através da análise da situação social descrita é como “a estrutura social do período pode ser analisada como unidade funcional. A existência de dois grupos de cor em cooperação dentro de uma única comunidade constitui a forma predominante dessa estrutura”. (GLUCKMAN, 1958)

A oposição que se expressa de forma hostil na relação entre dominadores e dominados, numa relação hierárquica voraz e que encontra eco em todas as instituições sociais, determina o caráter de sua cooperação.

Com a definição dos conflitos sociais, o que Gluckman buscava fazer era analisar a mudança social na África do Sul. Da mesma forma Clyde Mitchell utilizou a análise de uma situação social para estudar a natureza do “tribalismo” através da Dança Kalela. (MITCHELL, 1969)

## **ANÁLISE DA SITUAÇÃO SOCIAL: A APURAÇÃO**

O que vemos encenado na apuração dos grupos de acesso das escolas de samba do Rio de Janeiro é uma intensa hierarquização da festa carnavalesca, na direção já afirmada por clássicos da antropologia brasileira. Vemos reforçada na hierarquia competitiva do desfile das escolas de samba o modelo de dominação da sociedade brasileira, numa posição bastante parecida com a apontada por Maria Isaura Pereira de Queiroz em seu clássico, *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito* (1999).

Quando as escolas ritualizam suas relações de trocas entre coirmãs, o que se observa é nada mais que uma reafirmação das posições de dominações das escolas mais poderosas que são controladas por bicheiros ou têm dirigentes ricos. O caso pode ser exemplificado pela relação entre Arranco e Dendê: a escola do Engenho de Dentro ocupa uma posição hierarquicamente superior dentro da competição em relação ao Dendê. Ainda que os dirigentes da primeira simpatizassem com a segunda, havia uma torcida tácita para que a mesma não subisse, segundo relato de um dirigente do Arranco. “Torci pelo Dendê, mas não deu né? (...) Ainda bem, porque é uma escola organizada. Daria mais trabalho no nosso grupo”.

Assim todos os anos essa relação, que é de dominação, persiste na sua forma de conflito, conforme observou Gluckman na relação entre brancos e zulus, explicando a estrutura social que se ergue a partir da festa. Uma escola que ajuda outra de um grupo inferior pode ser ajudada em outra ocasião. Uma escola que hoje se encontra num grupo inferior pode ascender aos superiores em pouco tempo. A grande diferença na comparação entre os dois casos está na mobilidade que caracteriza a estrutura competitiva das escolas de samba.

A rede de relações sociais se destaca a partir do momento que se percebe a preponderância das relações entre os indivíduos que compõem as escolas, como aconteceu entre o Boi da Ilha e o Amarelinho observadas na apuração. Para tanto, será necessário destacar o aspecto das redes envolvidas no caso.

## **ANÁLISE DAS REDES NA APURAÇÃO**

O estudo das redes pode perfeitamente ser atrelado ao estudo de uma situação social. Até mesmo na história desta abordagem antropológica encontramos origens semelhantes. Há, no entanto, que serem demarcadas diferenças. Hannerz indica as origens da teoria de redes em meados da década de 50, sendo John Barnes um dos pioneiros em seu uso. Ele utilizou o conceito de malha de rede (*mesh*) durante o estudo de uma comunidade pesqueira na Noruega chamada Bremnes.

Logo a seguir, o principal impulso no desenvolvimento do conceito de rede veio do estudo das relações entre famílias realizado por Elizabeth Bott. Inspirada no conceito de Barnes ela desenvolveu tipificações que caracterizam os diversos tipos de rede, tomando os estudos com as famílias como parâmetro. Através da amostragem de 20 famílias inglesas, dividiu a rede de relacionamentos dos casais em redes de malha estreita e redes de malha frouxa. (BOTT, 1976)

Posteriormente, Mitchell detalhou ainda mais as características das redes através da sua divisão em uma série de elementos morfológicos e interacionais. (MITCHELL, 1969) Sua abordagem utiliza os conceitos desenvolvidos por Barnes e Bott.

Um dos fatores mais intrigantes e interessantes sobre o carnaval carioca é a extensa rede de relações sociais articulada pelas 72 escolas de samba que disputam o título de campeã, entre os diferentes níveis em que estão organizadas. De fato, as escolas de samba e o espetáculo por elas proposto dependem desta rede articulada. Mesmo entre as consideradas pequenas, que concentram suas atenções no resultado de quinta-feira no Terreirão do Samba, fazer parte dessa rede é imprescindível.

Para analisarmos as redes desenvolvidas na apuração vamos tomar o caso de algumas das agremiações que, apesar de não serem rivais históricas, muitas vezes já se enfrentaram nos diferentes grupos em que estão escalonadas no carnaval carioca. Acostumadas à disputa, encenam trocas no período anterior aos desfiles. Estas se dão no plano material. Como muitas têm de reutilizar o material na produção do carnaval é comum a cessão ou permuta dos mesmos.

O caso emblemático é o da escola 1. Em 2008, a escola trazia um enredo que contava as lendas que fazem parte do folclore de diferentes partes do país. O seu carnavalesco também era autor e produtor do enredo da escola 2 do Grupo B. Naquele ano o enredo da escola 2 falava sobre as danças brasileiras. Ele precisaria, para a produção desses dois enredos, de elementos do folclore brasileiro abundantes na escola 1, que um ano antes havia produzido um enredo sobre festas folclóricas. Assim, diversos materiais desembarcaram no barracão da escola 2, desde esculturas até pedaços de fantasia utilizadas pela escola 1 um ano antes. Da mesma forma, diversas fantasias e alegorias utilizadas no carnaval anterior pela escola 2 foram parar no barracão da escola 1. A natureza desta troca foi bem diferente da articulada pelo presidente do Dendê, com a Unidos de Padre Miguel. No caso, o presidente entrou em contato com um funcionário do barracão da Padre Miguel que negociou o aluguel de uma das esculturas por um carnaval. Como a negociação envolveu dinheiro, atraiu muito menos simpatia entre os componentes da escola do que a relação entre escola 1 e 2.

Interessante notar que a “malha de rede”, como apontada por Bott (BOTT, 1976), pode ser traçada a partir da trajetória dessas esculturas sempre reaproveitadas. Tome-mos o caso das fantasias da ala de passistas de uma outra escola do Grupo de Acesso B. As fitas que remetiam à dança brasileira foram as mesmas da comissão-de-frente da União da Ilha em 2006 que foram cedidas a uma escola do Grupo C em 2007 e repassadas a outra no ano seguinte.



O estudo das redes de relações do carnaval carioca pode ser um terreno fértil para o estudo das metrópoles. Um importante ponto de partida foi dado através da indicação do carnavalesco como mediador (CAVALCANTI, 2006) nas relações entre as escolas e entre as escolas e outros “pedaços” da cidade. (MAGNANI, 2002) Mais importante ainda é tomar esta rede para reconhecer e reorganizar os estudos sobre o tema.

## NOTAS

- 1 (1) mestre-sala e porta-bandeira; (2) bateria; (3) comissão-de-frente; (4) evolução; (5) conjunto; (6) samba -enredo; (7) harmonia; (8) fantasias; (9) enredo e (10) alegorias e adereços.
- 2 No carnaval de 2009, 12 escolas compunham esse grupo.
- 3 No artigo citado, Cavalcanti calcula em mais de 67 milhões os recursos movimentados pela Liesa. Os dados foram coletados a partir do relatório da CPI do Carnaval em 2008 na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.
- 4 São quase 60.000 ingressos vendidos com preços que variam entre dez a cinco mil reais.
- 5 No carnaval 2009, o Grupo de Acesso A contou com dez escolas disputando uma vaga no Grupo Especial e buscando evitar o último lugar que levaria a escola ao Grupo Rio de Janeiro 1.
- 6 Escolas apontadas tradicionais como União da Ilha, Estácio de Sá e Caprichosos de Pilares.
- 7 Esses grupos antes conhecidos como Grupos de Acesso C, D e E respectivamente.
- 8 A casa da Tia Ciata foi um dos celeiros e pontos de resistência da musica popular e cultura africana na cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Eugênio. *Valorizando a Batucada*: um estudo sobre as escolas de samba dos Grupos C, D e E. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- BARBIERI, Ricardo José. Cidade do Samba: do barracão de escola às fábricas de carnaval. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e SÁ, Renata (orgs. ). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2009, p. 125-144.
- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*: papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca*: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.
- \_\_\_\_\_. Festa e contravenção: os bicheiros no carnaval do Rio de Janeiro. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e SÁ, Renata (orgs. ). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2009, p. 91-123.
- GLUCMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. FELDMAN-BIANCO, Bela (org). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987: 227-344.

- HANNERZ, Ulf. *Exploring the city: inquiries toward an urban anthropology*. New York: Columbia University Press, 1980.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002, vol 17 n.49.
- MITCHELL, Clyde (org.) *Social networks in urban situations*. Manchester (UK): Manchester University Press, 1969.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.
- 

**Ricardo José de Oliveira Barbieri** é Mestrando em Antropologia do Programa de Pós-Graduação de Sociologia e Antrpologia – PPGSA/UFRJ.